

Elizabeth Gareca Gareca
Larry José Madrigal Rajo
*Rachel Starr**

Tradução: José Ademar Kaefer

Apresentação

“Entre vocês não será assim”: Resiliência, resistência... na violência”

*“Between you it will not be like this”:
Resilience, resistance... in violence*

Como equipe coordenadora deste número, integramo-nos neste tecido coletivo da RIBLA por mais de dois anos. Começamos nossa conversa durante a assembleia virtual da RIBLA em julho de 2021, nos tempos da pandemia do Covid-19. Ali formou-se um grupo de interesse sobre o tema da violência, onde discutimos sobre a urgente necessidade de complementar e ampliar a reflexão sobre a complexidade e dimensão da violência em nosso tempo. RIBLA, em sua trajetória, já tratou desse tema em diversas oportunidades e desde diferentes perspectivas. Porém, com este número queremos focar na resistência e eventual resiliência que as pessoas, grupos e coletividades geram, até mesmo também com violência, especialmente a simbólica e sagrada. Esta violência, que mesmo que se conheça e se denuncie, não é sempre visível por sua coabitação intrincada nas formas mais concretas e chocantes de outras violências. Um tema tão amplo e complexo não é fácil de abordar e difícil de apontar responsáveis. Depois de algumas conversas aceitamos assumir o papel editorial deste número. Percebemos, então, que era a primeira vez que um grupo de três pessoas, duas mulheres e um homem, dos dois lados do Atlântico, mas com os corações palpitando na América Latina e no Caribe, assumiam tal tarefa.

* Bolívia, El Salvador e Inglaterra, respectivamente, conformam a equipe coordenadora deste número de RIBLA.

Após a assembleia continuamos em contato desde nossos países: El Salvador, Bolívia e Inglaterra. Começamos a reunir-nos frequentemente, através de plataformas virtuais. Muitas vezes, porém, com dificuldades, devido ao fuso horário de oito horas de diferença entre um extremo das nossas cidades de residência e de trabalho. Quando nos reuníamos, um tinha acabado de tomar o café da manhã, a outra preparava o almoço e a terceira, cansada, terminava o dia. Comunicamo-nos regularmente através de mensagens instantâneas, não só sobre edição e minúcias editoriais, mas também sobre colegas e amigos comuns e sobre os detalhes diários das nossas vidas. Compartilhamos mensagens de voz e fotos: dos lagos, florestas e rios de El Salvador; as histórias cotidianas da organização comunitária de grupos de mulheres bolivianas; as nuances e novidades da rica diversidade humana presente nos estudos teológicos na Inglaterra. Contamos os ciclos de vida das festas e tradições locais: os frutos e flores do dia da Cruz, os diversos tipos de chá e mate ou os cuidados em dias importantes que nos fizeram viver de forma inédita durante a pandemia. Perdemos amizades, testemunhamos desastres e novos conflitos, sofremos e comemoramos com notícias de vida nos lugares que nos interessam.

Começamos cedo escrevendo algumas linhas de reflexão encomendadas pela assembleia virtual de 2021 e renovadas em nossa XXIII assembleia presencial em São Salvador, agosto de 2023. Percebemos que estávamos traçando a genealogia das reflexões sobre a violência na RIBLA, fazendo cartografia na tentativa de mostrar os micro e macro espaços que a violência vem ocupando em nossas sociedades e vivências. Procuramos fazer memória da trajetória da RIBLA, abordando as dimensões da violência, identificando algumas de suas múltiplas manifestações, limitando nossos interesses e posicionamentos. Este contributo foi conhecido, retroalimentado e utilizado pelos autores e pelas autoras que contribuem com as suas reflexões nesta RIBLA.

Assim, evidenciamos aqui que já na remota RIBLA 2: “Violência, poder e opressão” (1988/2), a violência foi identificada como um tema chave, fundamental para o desenvolvimento humano. Um ponto interessante que mostra a realidade do grupo que participou da RIBLA 2, é que todos os colaboradores eram homens. O foco dominante nesta RIBLA é a violência do colonialismo e da luta de classes, onde os fatores socioeconômicos são fundamentais. Também ficou evidente o reconhecimento do uso da religião para justificar a violência contra os oprimidos, o que levou também ao reconhecimento de que os oprimidos

a utilizaram em legítima defesa e como estratégia de luta em cenários onde todos os meios pacíficos foram esgotados. A RIBLA 2 mostra ainda que a violência estrutural, com a pobreza, como a primeira violência, foi a justificção da luta militante pela libertação. “O verdadeiro Deus não é um Deus violento”, disse certa vez Jorge Pixley - Deus pratica violência apenas por razões de libertação e justiça contra os opressores -. Seguiriam, então, outras RIBLAS, com variados enfoques sobre a violência, desde RIBLA 8: “Militarismo e defesa do povo” (1991); passando por RIBLA 41/2: “Mulheres e violência sexista” (2002/1), um número com uma maioria de mulheres autoras; até RIBLA 74: “Guerra e Paz” (2017/1), onde se reconhece a inspiração nos “processos de paz na Colômbia” e também os desejos de uma “cessação das guerras e hostilidades em todo o mundo”.

Unir-nos como equipe em uma RIBLA dedicada à resistência e à resiliência, que é gerada em meio à violência, faz-nos reconhecer que trabalhamos de diferentes maneiras contra a violência: organização e defesa comunitária, formação e educação popular, pesquisa acadêmica etc. Nesta edição da RIBLA procuramos novas formas de dar voz aos pequenos feitos, às arestas mal trabalhadas, às experiências dolorosas e proféticas que continuam a contar a sua história nos textos ou na vida, apesar da violência. As três pessoas que compomos a equipe, procuramos incorporar nosso olhar feminista para a justiça de gênero. Reconhecemos a presença estrutural permanente da violência nos nossos sistemas. Porém, como pessoas de fé, acreditamos nas lutas diárias, nas pequenas transcendências e esperanças da humanidade. Acreditamos na luta dos pequenos e das pequenas, que conseguem sobreviver, resistir, e se recuperar.

As pessoas e comunidades que leem RIBLA e acompanham sua trajetória, poderão perceber algumas mudanças e novidades neste número. Incorporamos um café virtual, ou seja, um espaço digital organizado para uma conversa aberta e espontânea entre quem escreve e quem lê. O objetivo é contrapor, provocar, debater nossas abordagens sobre a violência. Por isso, antes de ler os artigos, recomendamos que você acesse estes vídeos online através de um código QR, como uma interessante provocação e contribuição para a leitura. Outra novidade é a inclusão de vozes do Caribe multilíngue, neste caso, com dois artigos em inglês: um diretamente da Jamaica e outro de um contexto de ensino superior caribenho na Inglaterra, que nos leva à reflexão sobre as experiências dramáticas daquele mundo pequeno e tão diverso.

Na parte das resenhas apresentamos a inclusão de outras linguagens e experiências com as quais queremos ampliar e, em certo sentido, concretizar nossas pesquisas sobre a complexidade da violência. Ali concentramos nosso olhar em sites, café virtual, música e livros onde se delinea o sentimento de alguns pequenos esforços no intuito de superar a violência.

A seguir entramos na abordagem da seção de artigos, começando com a reflexão que John Anderson Rodrigues de Moraes e Luiz José Dietrich (Brasil) fazem sobre imagens violentas de Deus, com o foco na tradição deuteronomista. Os autores suscitam um debate interessante entre aqueles de nós que afirmamos que a Bíblia sustenta que Deus é Deus de vida e não de morte. No entanto, em várias partes dos escritos deuteronomistas, Deus demanda a violência com grandes custos para o seu povo. A questão chave seria: por que em muitos textos deuteronomistas a palavra divina é usada para legitimar a morte de crianças, de inocentes e até estimula a intolerância religiosa que não gera vida? Não é uma leitura fácil pelas suas implicações, porque, como dizem os autores, esses mandatos “servem para legitimar as políticas, instituições e projetos de reis, sacerdotes e seus aliados”. Com sua competente orientação, os autores nos ajudam a distinguir que muitas dessas histórias, na realidade, tiveram como modelo os tratados de vassalagem impostos pelo império assírio. Reis, como Ezequias e Josias, fizeram uso desse modelo para legitimar seus interesses religiosos e políticos difundidos no templo de Jerusalém e em toda Judá.

Em consonância com as críticas ao poder real, Yose Höhne Sparborth (Holanda) elabora uma análise detalhada dos textos de Gênesis 2-3. A autora delinea a sequência dramática dos textos, relacionando-os ao seu contexto da escrita, texto sagrado e símbolo religioso, como instrumento de controle e poder. As conhecidas imagens mediáticas de Adão e Eva sendo expulsos do paraíso, em nenhum momento afirmam que o casal foi expulso do Jardim do Éden, mas apenas o homem. A partir dessa ideia, Yose argumenta que Gênesis 2-3 deve ser lido como uma crítica ao acúmulo de riqueza e poder divino por Salomão, com Adão representando o governante e Eva o povo. O mito da criação de Gênesis 2-3 pode ser interpretado como uma crítica à apropriação do poder por alguns dominantes. O texto pode ser lido como um desafio aos homens poderosos, às ditaduras e ao uso do poder e da riqueza para oprimir em múltiplos contextos em nossos dias.

Rachel Starr (Inglaterra) provoca desde a primeira linha de seu

escrito a compreensão tradicional de alguns personagens-chave que sempre estiveram presentes no imaginário judaico e cristão: Abraão, Sara, Davi e Jesus. Partindo da comoção que as situações de abusos nas estruturas eclesiais cristãs (principalmente católicas e evangélicas) têm significado nos últimos tempos, sua reflexão começa por identificar como esses abusos estão envoltos numa “cultura de deferência” para com o clero e outros líderes proeminentes. Ao ler criticamente os “heróis da fé”, e em diálogo com estudos anteriores publicados na RIBLA, a autora explora Gênesis 16 e 21; 2 Samuel 23,1-7; Marcos 7,24-30, argumentando que, se a violência registrada não for nomeada como tal, mesmo que não seja evidente por razões textuais ou ideológicas dentro do texto, será muito difícil nomear a violência atual nas nossas igrejas, comunidades e nações, com interesses muito fortes que nos afetam e condicionam. Porém, dentro dos mesmos textos é possível detectar e tornar visíveis momentos de resistência, para assim investigar perspectivas de aversão à violência de nossos líderes, heróis e talvez de nós mesmas e mesmos hoje. Este artigo nos permite abordar com um bom pano de fundo as contribuições diretamente relacionadas ao imaginário cristão.

A contribuição de Elizabeth Gareca Gareca (Bolívia) centra-se na violência cotidiana como parte da dinâmica humana. A nossa cumplicidade nas estruturas de poder e de opressão significa que estamos sempre no meio da dinâmica da violência. Por isso, em seu artigo, ela afirma que todos os dias temos que buscar o perdão misericordioso em nossas interações. Elisabeth nos motiva a dar corpo ao perdão a partir de algumas perícopes dos evangelhos de Mateus e Lucas. Nestas perícopes encontramos a motivação para perdoar como forma prática de viver a justiça restaurativa, para recuperar com misericórdia a quem ataca ou viola e a quem sofre as consequências, um perdão sem limites que nos leva à reconciliação humana e à cura integral.

O que é paz? Pergunta Marcelo da Silva Carneiro (Brasil) diante da violência da *pax romana* e da chamada pacificação realizada por instrumentos do Estado em seu próprio contexto. Carneiro aborda a desigualdade e a opressão do império romano que impôs uma luta constante pela sobrevivência dos povos dominados. Diante da crueldade e da pobreza, do risco de endividamento e da escravidão, Jesus realiza atos de resistência não violenta. De acordo com alguns relatos do evangelho de Mateus, o modo de resistência de Jesus não é nem submissão passiva nem confronto explícito, mas algo muito mais subversivo, que

ajuda a construir uma sociedade solidária e generosa.

Azucena Rosal (Guatemala) apresenta uma abordagem exegética da parábola de Lucas 10,25-37, sobre o samaritano e sua localização literária e histórica. A partir de suas descobertas, a autora analisa a violência como motor de toda a história narrada e como Jesus consegue focar na misericórdia e na proximidade. O elemento surpresa é de que se trata de um samaritano que mostra misericórdia ao ferido/violentado pelo caminho, um caminho perigoso, semelhante ao que Jesus deve percorrer. Imaginar esta cena transpassada pela violência nos lembra da nossa vulnerabilidade humana.

A mulher que é referida em João 8,1-12 como sendo pega no meio do ato de adultério, é abordada por Larry José Madrigal Rajo (El Salvador). O autor faz uma releitura das masculinidades presentes no texto usando a abordagem e metodologias do Bibliodrama. Tentando recriar o que significa ler um texto do ponto de vista das técnicas corporais, ele faz uma viagem pelos espaços, posições, corpos e significados que o texto menciona ou supõe, reconstruindo dramaticamente a cena ocorrida no pátio das mulheres no Templo de Herodes. Incorporando contribuições da subjetividade e do imaginário histórico a partir de grupos masculinos e mistos com que trabalha, Madrigal tenta recriar os sentidos dos personagens incluídos no relato. Releva o protagonismo do grupo de pessoas que escutam Jesus, o movimento de entrada e saída dos acusadores que manipulam a lei como armadilha, a presença das pedras como violência simbólica e os limites pessoais do próprio Jesus, um homem comum marcado pelas lesões por não corresponder ao modelo hegemônico de masculinidade da época. Finalmente, mostra-se que a mulher é injustamente agredida, quando se segue levantando a etiqueta de “adúltera” para condená-la, sem abordar a pergunta do paradeiro e responsabilidade do homem, necessário para a acusação.

Sílvia Regina de Lima Silva (Brasil/Costa Rica), em seu artigo, retoma sua pesquisa sobre a mulher sirofenícia (Marcos 7,24-30) que fez inicialmente há vinte anos atrás. Ela nos convida a ir para debaixo da mesa, a encontrar a sabedoria das mulheres afro-latino-americanas e caribenhas e a ler este texto bíblico com elas. Sílvia nos conduz a um passeio pela casa textual, onde encontramos um Jesus buscando refúgio e, em seguida, uma mulher buscando a vida de sua filha. De acordo com Sílvia Regina, a casa fronteira se torna, graças à mulher, um lugar de aprendizado e cura. O encontro torna visível “a violência praticada por Jesus” contra sua vizinha, num contexto complexo e conflituoso.

Assim, também, em nossos dias, observa-se a violência religiosa e racista praticada contra os povos originários e pessoas afrodescendentes. Finalmente, o texto nos convida a buscar cura e salvação com pessoas diferentes, como aquelas que subvertem texto, mesa e mundo.

Eduardo Sales de Lima (Brasil) nos convida para a fronteira, ou seja, às fronteiras de culturas, textos, línguas e vidas. O autor chama a atenção para o conflito violento quando uma cultura dominante se impõe a outras. Para resistir à violência cultural, de Lima usa um conceito da escritora e ativista feminista Gloria Anzaldúa: “A mentalidade de fronteira”. Dessa forma, o autor pretende explorar uma leitura transcultural da Bíblia. Sugere, ainda, que a teologia de Paulo é uma forma de teologia de fronteira porque é um diálogo à margem de algumas culturas. Neste sentido, a teologia paulina nos oferece um modo de diálogo aberto com a diversidade e a ambiguidade.

Em sua obra, o estudioso bíblico caribenho Oral A.W. Thomas (Jamaica) apresenta uma hermenêutica da resistência. Resistência que, segundo ele, revela a luta histórica dos povos africanos durante a migração forçada e um longo período de escravidão, violência e opressão nas ilhas caribenhas. Oral investiga movimentos e modos de resistência em seu contexto, e pergunta como a Bíblia pode funcionar como ferramenta de resistência. Para desenvolver seu argumento, Oral torna visíveis as estratégias de resistência de três pessoas-chave do Caribe, nascidas no século XIX: Sam Sharpe, Paul Bogle e Marcus Garvey. Cada um dos três mostra uma interpretação resiliente da Bíblia. Sharpe, em seu papel de decano na Igreja Batista, descobriu na Bíblia uma mensagem de dignidade e liberdade para todos os seres humanos. Bogle, outro decano batista, via nos salmos um claro apelo à justiça. Garvey leu em Gênesis a dignidade e a igualdade de cada pessoa feita à imagem de Deus. De acordo com isso, ao invés de interpretar sem transformar, os três estudiosos bíblicos buscam com seu trabalho, nada mais e nada menos do que mudar o mundo.

Jocabed R. Solano Miselis (Panamá/Gunadule) escreve sobre sua experiência como pessoa Gunadule. Torna visível a violência epistemológica praticada pelos teóricos ocidentais, sobretudo pelos teólogos cristãos. A deslegitimação das línguas, crenças e ferramentas dos povos originários de Abya Yala deve ser vista como uma espécie de morte. Miselis conta a história das missões (católicas, protestantes e pentecostais) na nação Guna e seu impacto: uma ruptura comunitária e espiritual. Em resposta, ele encoraja a igreja a buscar caminhos de

reconciliação. Em vez de um contraste binário entre a Bíblia, como a palavra eterna de Deus, e as memórias e identidades locais, devemos entrelaçar ambas as realidades para, então, criar-se um novo texto, um novo tecido.

Entre nós que nos sentimos próximos e presentes a ela, as palavras de Ivone Gebara em seu epílogo tornam-se uma autêntica palavra espiritual, contundente, bem dita e definida. No entanto, nossos olhos se enchem de lágrimas diante da constatação da imundície que significa a violência estruturante, sofisticada e complexa, que continua a influenciar, danificar a vida em todos os sentidos. Embora Ivone declare que não pôde retomar todas as palavras dos que participamos desta edição, é bem verdade que houve idas e vindas, diálogos frutíferos, como os citados acima, que nos uniram pela realidade que nos move. O epílogo de Ivone é, então, uma oração de todos e todas nós para continuar no caminho.

Já no entardecer de nossa edição, Gabriela Miranda García (México/Guatemala) usa sua habilidade como poetisa feminista e teóloga para, em forma de testemunho, falar da revolta do harém no livro de Ester. Consciente das mulheres ignoradas ou silenciadas e das suas histórias não contadas, recorre à poesia “para reler o texto bíblico na contramão, para poder ver o que não vemos ou não queremos ver, seja por hábito ou conveniência”. Gabriela Miranda, através das inúmeras possibilidades da poesia, cria um poema para dar a palavra à Vasti, no qual celebra sua desobediência ao marido, o rei. Na poesia, o ato de Vasti desencadeia uma revolução das mulheres traficadas do harém. A poetisa encerra seu escrito com o testemunho de uma mulher, também chamada de Vasti Esther, que reivindicou a força da Vasti da Bíblia, para si mesma.

Na seção de resenhas, destacamos o café virtual. Como indicado acima, ele pode ser visualizado com um QR que leva diretamente à gravação. Esperamos que o público leitor de RIBLA possa participar com reações, comentários, ideias e, talvez, perguntas para que possamos continuar interagindo. Para este espaço, convidamos Ivone Gebara (Brasil), teóloga e filósofa feminista; Agustín Monroy (Colômbia), educador, teólogo e estudioso bíblico; Rebeca Montemayor (México), professora, teóloga e ativista social, para compartilhar conosco seus sentimentos e ideias, com base em suas experiências. A conversa se deu a partir de três perguntas básicas: Como a violência que experimentamos afeta nossa maneira de ler a Bíblia? Quais são as marcas da

violência na Bíblia? A partir de sua experiência pessoal na abordagem da fé, de que maneira a Bíblia pode ser lida como um processo para curar e salvar? Eis algumas ideias-chave que foram apresentadas: falar de violência é falar da própria constituição da vida (portanto também bíblica), pois se entende que nossas realidades são constituídas por misturas entre dois polos opostos e complementares: o bem e o mal ou a violência e a paz. Antes que a paz pudesse chegar, tinha que haver violência – ou o contrário – e em meio a essas experiências temos que fazer escolhas. Até Jesus o fez no meio de muitas trevas. Como cristãos e cristãs, cabe-nos optar pela não-violência, para que a frase “Entre vocês não será assim” possa ser verdadeiramente cumprida. Por isso é importante analisar se estamos nesse “vocês” ou se estamos entre aqueles que “continuam sendo assim”, ou seja, aqueles que praticam, legitimam ou fingem ignorar diariamente a violência.

Ao final, mas não menos importante, em sintonia e proximidade com muitas pessoas e comunidades onde a RIBLA é apreciada, trabalhada e realimentada, as resenhas procuram oferecer recursos complementares às reflexões e abordagens desenvolvidas pelos escritores. O objetivo é oferecer ferramentas para a pastoral, ideias, aprofundamentos, abrir horizontes em diálogos com outros saberes com os quais a Bíblia dança e tece sentidos. Como este número enfoca a resistência e a resiliência em situações em que a violência, mesmo simbólica e sagrada, é grande, sistêmica e parece prevalecer, apresentamos algumas ferramentas para oferecer um leque de possibilidades.

Rutilio Delgado (El Salvador), Arlete Prochnow (Brasil) e Walberto Tejeda (Honduras) analisam o site *Nem Tão Doce Lar*, um programa de ação da Fundação Luterana de Diaconia no Brasil, que oferece inspiração em práticas comprovadas de prevenção, cuidado e reflexão sobre a violência doméstica.

Heriberto Quesada (Costa Rica) oferece algumas pistas para a reflexão da pastoral e da vida a partir da linguagem musical (áudio e vídeo). São verdadeiras imagens de resistência e resiliência com três nomes emergentes de grande significado em termos de resistência e resiliência: Sara Curruchich (Guatemala), Washington Duarte (Brasil) e Bianca Orqueda (Paraguai). São vozes nativas, jovens, ainda desconhecidas do grande público, mas de grande beleza vocal e musical e com um forte sentimento de pertença e orgulho.

Na seção dos livros, duas publicações recentes nos mostram os avanços e perspectivas complementares que se abrem em torno de

questões de longo alcance e profundidade estrutural, como a violência e o papel das masculinidades e dos homens nela. Não apenas em termos de denúncia de pessoas em situações concretas, mas também em termos do papel da violência, em suas lógicas mais profundas, a ideológica, a simbólica, as que tocam a religião, a fé e o sentido próprio da vida.

Deysi Cheyne (El Salvador) comenta “Contrapedagogias da crueldade”, de Rita Segato e equipe do Programa de Masculinidades, Gênero e Religião do Centro Bartolomeu de las Casas (El Salvador). Deysi comenta também o livro “*Boys will be Boys, and Other Myths. Unravelling Biblical Masculinities*”, de Will Moore. Duas contribuições sólidas de ambos os lados do Atlântico. Como parte dessa diversidade de linguagens que refletem sobre resistência e resiliência na violência, Anne Stickel (Alemanha/Colômbia) nos oferece quatro pausas ao longo da revista. Nela sua visão de traço e cor, enraizada no acompanhamento de comunidades de todo o continente, gera imagens de realidade e futuro.

Fechando as cortinas, é difícil imaginar a resistência e a resiliência nestes dias de maldade em que vivemos. Enquanto articulamos as últimas linhas desta RIBLA, a violência estrutural está forçando inúmeros indivíduos, famílias inteiras, indocumentados, a arriscarem suas vidas por passagens perigosas rumo ao norte, em busca de melhores condições de vida. Além disso, a violência diária nos lares continua violentando milhões de mulheres e crianças. Também, neste momento, a violência econômica e política em Guatemala obriga milhares de pessoas a reagirem desesperadamente bloqueando ruas e rotas para exigir decência, dignidade e condições mínimas de vida. Por último, testemunhamos nestes dias tristes, chocados e abalados pela capacidade violenta do ser humano. Incontáveis mísseis explodindo sobre Gaza, com milhares de mortes de civis, mulheres e crianças, hospitais sendo bombardeados. Uma violência sem limite, geopoliticamente legitimada pelas estruturas de poder das grandes nações, que mostra os níveis de horror que o ser “humano” pode atingir. Simplesmente assustador.

Elizabeth Gareca Gareca
Larry José Madrigal Rajo
Rachel Starr

Tradução: José Ademar Kaefer